

INFLUÊNCIA DOS ANTICONCEPCIONAIS ORAIS HORMONAIS NA SAÚDE DA MULHER

Ana Carolina Kunitaki Silvério*; Isabelle Guedes*; Renata Aparecida dos Santos*; Janize Silva Maia **.

* Acadêmica do curso de Enfermagem da Universidade Anhembi Morumbi.

** Doutora em Ciências da Saúde, mestre em Educação, especialista em Ginecologia e Obstetrícia, docente do curso de Enfermagem da Universidade Anhembi Morumbi.

* Autor para correspondência e-mail: anacarolina_silverio@hotmail.com

PALAVRAS-CHAVE

Anticoncepção
Contraceptivos Hormonais
Efeitos dos Fármacos

KEYWORDS

Contraceptives
Oral Contraceptives
Collateral effects

RESUMO: Introdução: O uso dos anticoncepcionais hormonais deve ser determinado por uma avaliação detalhada do histórico clínico e familiar da mulher que pretende utilizá-los, assim como a mensuração de sua pressão arterial. No Brasil, para fazer o uso de anticoncepcionais hormonais, a mulher é orientada a fazer uma consulta com profissionais de saúde nos serviços públicos ou privados. **Objetivo:** Descrever os riscos provenientes do uso prolongado dos contraceptivos orais hormonais à saúde da mulher. **Material e Método:** Revisão integrativa da literatura publicada na BVS, PUBMED, SciELO, LILACS e MEDLINE entre 2009 e 2020, baseada em evidências, em português e inglês, disponível na íntegra. **Resultado:** O câncer de mama, a trombose venosa e a hipertensão arterial estão entre os principais riscos provenientes do uso prolongado dos contraceptivos orais hormonais, cuja utilização na maioria das vezes ocorre sem avaliação de um profissional da saúde. **Conclusão:** O devido conhecimento sobre a ação dos anticoncepcionais orais hormonais, incluindo modo de ação e a curto, médio e longo prazo é necessário antes da utilização por mulheres que buscam nele, a anticoncepção. Sem o devido acompanhamento de um profissional de saúde o uso pode tornar-se indiscriminado, comprometendo a saúde da usuária. O aconselhamento que antecede a decisão da mulher pelo melhor método deve considerar a sua história clínica, as contraindicações e as informações de outros métodos alternativos compatíveis com a sua condição de saúde.

THE INFLUENCE OF ORAL HORMONAL CONTRACEPTIVES ON WOMEN'S HEALTH

ABSTRACT: Introduction: The use of hormonal contraceptives must be determined by a detailed assessment of the clinical and family history of the woman who intends to use them, as well as measuring your blood pressure. In Brazil, to make use of hormonal contraceptives, women are advised to make an appointment with health professionals in public or private services. **Objective:** Describe the risks to women's health from the long-term use of hormonal contraceptives. **Material and Method:** Refers to an integrative review of a bibliographic character, developed based on secondary references. Scientific articles were selected from the bibliographies found in databases: BVS, PUBMED, SciELO, LILACS and MEDLINE. **Result:** From the results found, it can be inferred that the main risks arising from the prolonged use of hormonal contraceptives are: breast cancer, venous thrombosis and arterial hypertension. **Conclusion:** Through the analysis of the references contained in this study, we can show that breast cancer, venous thrombosis and arterial hypertension are the main risks, resulting from the prolonged use of ACO. Furthermore, professional counseling is essential when choosing the contraceptive method, as it must be based on the individualities of each woman, so that the user's health is not compromised by adverse events.

Recebido em: 12/08/2021

Aprovação final em: 05/11/2021

DOI: <https://doi.org/10.25061/2527-2675/ReBraM/2021.v24i3.1284>

INTRODUÇÃO

Decorrente dos avanços no conhecimento sobre fisiologia reprodutiva e endocrinologia, o desenvolvimento da contraceção hormonal integrou os acontecimentos marcantes do século XX (PEREIRA; ANGONESI, 2009).

O relatório da ONU Trends in Contraceptive Use, publicado em 2015, afirma que 79% das mulheres brasileiras usaram métodos contraceptivos na época. É provável um crescimento de 20 milhões no uso desses métodos até 2030 (ONU, 2016). O Brasil ocupa o 3º lugar no ranking de consumo de pílulas anticoncepcionais na América Latina, ficando atrás do Uruguai e do Chile. Estima-se que no contexto mundial, 100 milhões de mulheres aproximadamente utilizem contraceptivos orais como forma de planejamento familiar (PEYMAN *et al.*, 2013).

Conhecidos como um importante meio para evitar uma gravidez indesejada, os contraceptivos orais combinados atuam na suspensão de fatores hipotalâmicos, que liberam os hormônios folículo estimulante (FSH) e luteinizante (LH), fazendo com que a ovulação seja inibida. Já os contraceptivos à base de progestágeno atuam no espessamento do muco cervical, dificultando a passagem do espermatozoide e agem também no endométrio, tornando-o hipotrófico, diminuindo assim as chances de nidação (BORGES, 2015).

O uso dos anticoncepcionais hormonais deve ser determinado por uma avaliação detalhada do histórico clínico e familiar da mulher que pretende utilizá-los, assim como a mensuração de sua pressão arterial. Em alguns países, o acesso é condicionado a uma análise prévia. No Brasil, para fazer o uso de anticoncepcionais hormonais, a mulher é orientada a fazer uma consulta com profissionais de saúde nos serviços públicos ou privados. No entanto, este método contraceptivo é passível de aquisição em farmácias, sem a obrigatoriedade de uma prescrição médica (CORRÊA *et al.*, 2017). Isso gera uma utilização indiscriminada, permitindo o uso do medicamento sem o devido conhecimento de suas contraindicações, tornando as usuárias vulneráveis ao sofrimento dos efeitos adversos que ele pode vir a causar (MACHADO, 2012).

Este estudo tem como objetivo descrever os riscos provenientes do uso, sobretudo se prolongado, que os contraceptivos hormonais podem causar à saúde das mulheres.

METODOLOGIA

Tratou-se de uma revisão integrativa da literatura desenvolvida com base em material já elaborado, constituído por artigos científicos, que inclui estudos experimentais e não-experimentais, combinando dados da literatura teórica e empírica, a fim de compreender o objeto de estudo (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2011).

Para responder à questão norteadora da revisão “Quais as consequências do uso prolongado de anticoncepcionais orais a longo prazo?”, realizou-se a busca bibliográfica das publicações indexadas nas bases de dados BVS, PUBMED, SciELO, LILACS e MEDLINE, a partir dos seguintes descritores: anticoncepção, contraceptivos hormonais e efeitos dos fármacos.

A estratégia de busca dos estudos foi feita por dois pesquisadores. Ressalta-se que, em todos os cruzamentos, o descritor “anticoncepção” esteve presente.

Foram estabelecidos como critérios de inclusão: I) artigos sobre a temática abordada; II) disponibilizados na íntegra, no formato eletrônico e gratuitamente; III) recorte temporal entre 2009 e 2020; IV) publicados nas línguas inglesa e portuguesa.

Os critérios de exclusão foram duplicidade dos artigos, estudos de caso e relato de experiência. Após a leitura do material os dados foram agrupados nas seguintes categorias: modo de ação dos anticoncepcionais; efeitos colaterais dos anticoncepcionais orais e consequências do uso prolongado de anticoncepcionais orais. Todo o processo foi realizado por mais de um pesquisador.

Um instrumento foi elaborado para a coleta e análise dos dados dos estudos incluídos, onde foram registradas as seguintes informações: ano de publicação, autor, tipo de estudo, objetivo e considerações

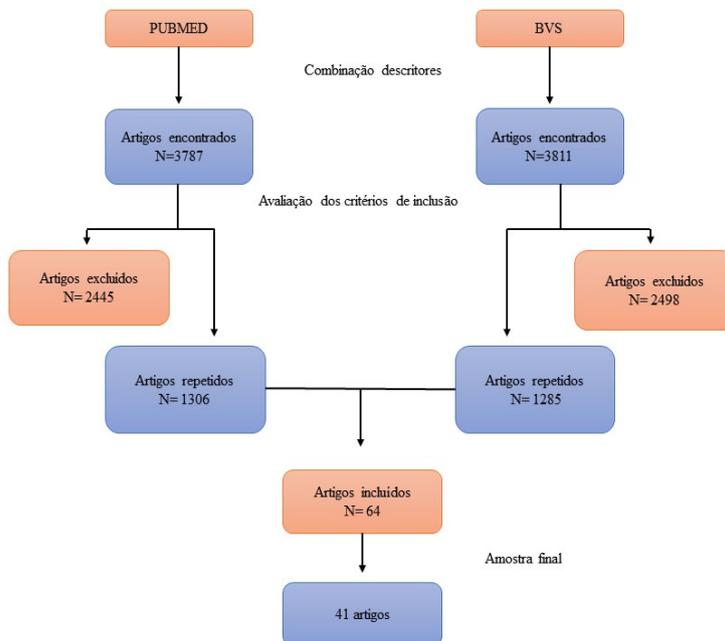
do estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Descrição das Características do Estudo

Foram encontrados 7598 artigos. Desses, 4943 (65%) não correspondiam à temática e 2591 (34%) repetiam-se nas bases de dados, restando 64 (0,8%) artigos. Por meio da leitura dos periódicos, foram selecionados 41 artigos, sendo 29 (70,7%) da BVS e 12 (29,3%) da PUBMED, como ilustrados na figura 1.

Figura 1 - Fluxograma da seleção dos artigos incluídos na revisão integrativa, 2020.



Os artigos selecionados foram categorizados por semelhança nos objetivos e temas de estudo: modo de ação dos anticoncepcionais hormonais orais e evidência do uso dos anticoncepcionais a longo prazo. De modo geral, pode-se inferir pelos resultados apresentados nos estudos selecionados, que os principais riscos do uso prolongado de anticoncepcionais hormonais orais são o câncer de mama, a trombose venosa e hipertensão arterial.

As publicações selecionadas com a descrição dos riscos provenientes do uso prolongado dos contraceptivos hormonais orais segundo ano de publicação, autoria, objetivo do estudo, método utilizado e considerações estão sintetizadas no quadro 1.

Quadro 1 - Integração das referências que contribuem para a compreensão dos riscos do uso de anti-concepcionais hormonais orais a longo prazo.

Título do estudo	Autores / Ano	Método	Base de dados	Objetivo	Considerações do estudo	Riscos do uso prolongado de ACO hormonais
Hormonal contraception and risk of venous thromboembolism: national follow-up study	Lidegaard et al., 2009	Estudo de coorte	Pub-med	Avaliar o risco de trombose venosa em usuários atuais de diferentes tipos de contracepção hormonal, com foco no regime, dose de estrogênio, tipo de progestogênio e via de administração.	O risco de trombose venosa em usuários atuais de contraceptivos orais combinados diminui com a duração do uso e com a diminuição da dose de estrogênio.	- maior risco de trombose venosa
Etiology and risk factors for a first episode of cerebral ischemia in young adults	Tarazona, et al., 2010	Estudo multicêntrico	Me-dline	Determinar a etiologia e os fatores de risco para um primeiro episódio de isquemia cerebral em adultos jovens em três hospitais de Lima e Callao-Peru	Hipertrigliceridemia, doença cardíaca valvular e contracepção hormonal foram os principais fatores de risco para o primeiro episódio de isquemia e, tanto o cardioembolismo quanto a doença vascular aterosclerótica, constituíram as etiologias mais frequentes.	- maior vulnerabilidade para isquemia cerebral.
Risk factors for breast cancer in women who use a basic health unit: descriptive study	Silva, et al., 2011	Estudo quantitativo	Lilacs	Avaliar fatores de risco para câncer de mama, em mulheres de uma Unidade Básica de Saúde em Fortaleza-Ce.	Mesmo com a tecnologia desenvolvida para o controle do câncer de mama, não se pode ignorar os muitos fatores que compõem sua etiologia, razão da necessidade do reconhecimento precoce de fatores de risco.	- aumento do risco para câncer de mama em mulheres com menos de 45 anos
Associations between oral contraceptive use and risks of hypertension and prehypertension in a cross-sectional study of Korean women	Park, Kim, 2013	Estudo transversal	Me-dline	Examinar a relação entre o uso de anticoncepcionais orais e a pressão arterial e a prevalência de hipertensão em uma amostra populacional de mulheres coreanas.	Existe uma associação estatisticamente significativa entre o uso de anticoncepcionais orais a longo prazo e o aumento dos níveis pressóricos e aumento de casos de hipertensão arterial entre mulheres coreanas.	- aumento do risco do desenvolvimento de hipertensão ou pré-hipertensão arterial.
Association Between Long-term Oral Contraceptive Use and Risk of Crohn's Disease Complications in a Nationwide Study	Khalili, et al, 2016	Estudo prospectivo	Me-dline	Examinar a associação entre o uso de contraceptivos orais e o risco de complicações da doença de Crohn definidas pela necessidade de cirurgia e uso de esteroides usando uma grande coorte de base populacional na Suécia.	O uso prolongado de anticoncepcionais orais combinados aumentam o risco de cirurgia em mulheres com doença de Crohn estabelecida, razão pela qual seu uso deve ser cuidadosamente avaliado e monitorado.	- maior risco de complicações relacionadas à doença de Crohn.

>>

Quadro 1 - Integração das referências que contribuem para a compreensão dos riscos do uso de anticoncepcionais hormonais orais a longo prazo(cont.).

Risk Factors for Endometrial Cancer: Results from a Hospital-Based Case-Control Study	Andarieh et al., 2016	Caso controle	Pub-med	Examinar a associação entre câncer endometrial e possíveis agentes etiológicos.	Mulheres com menarca precoce, com histórico de infertilidade, com obesidade e as que utilizam pílulas anticoncepcionais precisam estar particularmente conscientes dos riscos potenciais do desenvolvimento do câncer endometrial.	- aumento do risco de câncer endometrial.
Fatores associados às alterações cervico-uterinas de mulheres atendidas em um município polo do oeste catarinense	Bedin, Gaparín, Petilin, 2017	Estudo descritivo, retrospectivo, quantitativo	BDE-NF	Identificar as alterações cervico-uterinas nos exames citopatológicos e seus fatores associados.	O estudo associa às alterações celulares em mulheres de idade entre 25 a 64 anos, o uso da pílula anticoncepcional, Terapia de Reposição Hormonal e epitélio metaplásico.	- aumento das chances de apresentar alterações celulares epiteliais do colo uterino.
Contemporary Hormonal Contraception and the Risk of Breast Cancer	Mørch, et al., 2017	Estudo de coorte prospectivo	Medline	Avaliar associações entre o uso de contracepção hormonal e o risco de câncer de mama invasivo em mulheres de 15 e 49 anos na Dinamarca.	O uso atual ou recente de contracepção hormonal, sejam anticoncepcionais orais ou combinados, associa-se a um risco maior de câncer de mama, em função da ação estrogênica.	- maior risco de câncer de mama.
Association between Hormonal Contraception and Injuries Induced by Human Papillomavirus in the Uterine Cervix	Volpato et al, 2018	Caso controle	SciE-lo	Avaliar a associação entre a contracepção hormonal e a presença de lesões induzidas pelo vírus do papiloma humano no colo uterino de pacientes do serviço de ginecologia e obstetrícia do ambulatório de especialidade médicas da Universidade do Sul de Santa Catarina - AME/ UNISUL.	Usuárias de contraceptivo hormonal combinado, com concentração superior a 0,03 mg de etinilestradiol apresentam maior probabilidade de desenvolvimento de lesão cervical de baixo grau.	- aumento da probabilidade de desenvolvimento de lesão cervical de baixo grau.
Oral Contraceptive and Breast Cancer Risks: a Case Control Study in Six Referral Hospitals in Indonesia	Wahidin, Djuwita, Adisasmita, 2018	Estudo quantitativo e qualitativo	Medline	Compreender os efeitos do uso de contraceptivo oral no risco de câncer de mama em seis hospitais de referência na Indonésia.	Os resultados mostraram que quanto maior a duração do uso de contraceptivo oral, maior o risco de câncer de mama.	- maior risco de desenvolvimento do câncer de mama.
Progestin-Only and Combined Oral Contraceptives and Receptor-Defined Premenopausal Breast Cancer Risk: the Norwegian Women and Cancer Study	Busund et al., 2018	Estudo de corte	Medline	Avaliar o efeito do uso de anticoncepcionais combinados e com progesterona somente no risco de câncer de mama definido por receptores hormonais em mulheres na pré-menopausa em um corte de base populacional.	O uso de anticoncepcionais combinados usado por cinco anos ou mais está associado ao câncer de mama em mulheres na pré-menopausa.	- aumento do risco de câncer de mama no pré-climatério.



Quadro 1 - Integração das referências que contribuem para a compreensão dos riscos do uso de anticoncepcionais hormonais orais a longo prazo(cont.).

Influence of oral contraceptives on lipid profile and paraoxonase and commonly hepatic enzymes activities	Kowalska et al., 2018	Estudo transversal	Medline	Verificar a influência dos contraceptivos orais no perfil lipídico e nas atividades arilesterase, lactonase e fosfotriesterase da paraoxonase 1 e das enzimas hepáticas.	O estudo mostra atividades mais elevadas das enzimas hepáticas no sangue, bem como alterações, no perfil lipídico e nas atividades de paraoxonase 1 em mulheres que fazem uso de anticoncepcionais orais.	- aumento do risco de síndrome metabólica aguda.
Oral contraceptive and breast cancer: do benefits outweigh the risks? A case-control study from Jordan	Bardaweel, et al., 2019	Caso controle	Medline	Explorar qualquer possível correlação entre o contemporâneo e a duração do uso de anticoncepcionais orais entre mulheres jordanianas e o risco de câncer de mama.	O uso regular de anticoncepcionais orais pode estar associado ao aumento do risco de câncer de mama em mulheres da Jordânia, quando considerados outros fatores de risco, tais como: idade da puberdade, idade da menopausa, histórico de câncer de mama familiar e gestações anteriores.	- aumento do risco de câncer de mama quando associado a fatores de riscos.
The effect of oral contraceptive pills on the macula, the retinal nerve fiber layers, the ganglion cell layers and the choroidal thickness	Shaaban, Badran, 2019	Estudo observacional comparativo transversal	Medline	Avaliar o efeito das pílulas contraceptivas orais na mácula, na camada de fibras nervosas da retina, na camada de células ganglionares e na espessura da coroideia.	Mulheres que usam anticoncepcionais orais por tempo prolongado apresentaram afinamentos nas partes da camada de fibra nervosa da retina (RNFL), e nas camadas de células ganglionares da coróide.	- maior risco do desenvolvimento de problemas oculares, que podem envolver a visão central.
The joint effect of genetic risk factors and different types of combined oral contraceptives on venous thrombosis risk	Khialani, et al., 2020	Estudo de coorte	Medline	Avaliar a relação da genética e uso de contraceptivos orais combinados ao risco de trombose venosa	O estudo demonstra que o contraceptivo oral combinado contendo o progestogênio levonorgestrel com 30 µg de etinilestradiol foi associado ao menor risco de trombose venosa.	- aumento do risco de trombose venosa em mulheres com trombofilia herdada.

Fonte: Autores. Brasil, São Paulo, 2020.

Os medicamentos constituem um meio de contribuição para a preservação da vida e para a restauração da saúde. No entanto, seu uso sem racionalidade pode suscitar repercussões relevantes para os usuários, de forma que o seu perfil de segurança deve relacionar-se diretamente à frequência ou gravidade de suas reações adversas (PINHEIRO; PEPE, 2011). Um estudo realizado em cinco cidades brasileiras constatou a escassez de conhecimento das usuárias sobre o método contraceptivo que utilizam (MACHADO, 2012).

O anticoncepcional oral (ACO) é um método reversível e hormonal, composto de hormônios sintéticos de estrogênio e progesterona, produzidos pelos ovários, cuja atividade é regulada pelos hormônios folículo estimulante (FSH) e luteinizante (LH), hormônios gonadotróficos hipofisários (SILVA *et al.*, 2017) e tem como ação principal, o bloqueio da produção gonadotrófica através do mecanismo de feedback, impossibilitando assim, o pico de LH e impedindo a ovulação (BORGES; TAMAZATO; FERREIRA, 2015).

Considerando a ação individual dos hormônios anticoncepcionais no processo de anovulação, o estrogênio atua principalmente na inibição do FSH, cuja função pauta-se no desenvolvimento e maturação do folículo dominante. A progesterona, por sua vez, promove a inibição do LH e atrofia do endométrio,

impedindo assim a nidação e diminuindo a frequência dos pulsos do hormônio liberador de gonadotrofina (GnRH), responsáveis pela atividade gonadal. (SILVA *et al.*, 2017).

Os anticoncepcionais hormonais orais são classificados pela concentração de progestagênio neles contido. Os anticoncepcionais de primeira geração, são aqueles que possuem o levonergestrel associado a 50 mcg de etinilestradiol, enquanto os de segunda geração dispõem de menores concentrações de etinilestradiol em associação com levonergestrel. Já os ACO de terceira geração, apresentam na composição o progestógeno desogestrel ou gestodeno (FINOTTI, 2015).

Atualmente existem diversos tipos de anticoncepcionais orais e podem ser monofásicos, bifásicos ou trifásicos. Os monofásicos possuem a mesma composição e dosagem hormonal para todos os comprimidos. Os bifásicos possuem a mesma composição, porém são divididos em duas fases de dosagem. Os trifásicos por sua vez são divididos em três fases de diferentes dosagens hormonais (BRANDT; OLIVEIRA; BURCI *et al.*, 2018). Existem ainda as minipílulas, que consistem na administração oral de comprimidos que contêm doses baixas de um progestagênio (FINOTTI, 2015).

O uso dos anticoncepcionais hormonais orais está diretamente relacionado ao adenoma hepático. Estudos demonstraram aumento da incidência do problema diretamente relacionado ao aumento da dose e duração do uso desses contraceptivos. Seu uso aumenta o tamanho do tumor, o número de tumores e risco de sangramento causado por ele, assim como a descontinuidade do anticoncepcional oral pode determinar sua regressão (SZOR; URSOLINE; HERMAN *et al.*, 2013).

Há elevação do risco de 4 a 6 vezes para o desenvolvimento de eventos trombóticos para mulheres que utilizam os contraceptivos orais, sobretudo àquelas que possuem outros fatores de risco associados (MAIA, 2015). Isso ocorre em função do desencadeamento de alterações hemodinâmicas, como aumento dos fatores de coagulação, redução dos fatores anticoagulantes, alteração da cascata de coagulação, viscosidade sanguínea e na parede vascular, ocasionadas pelo estrogênio (MORAIS; SANTOS; CARVALHO, 2019).

A chance de ter um acidente vascular encefálico (AVE) torna-se mais elevada quando mulheres que utilizam anticoncepcionais orais e possuem outras condições clínicas, como lúpus eritematoso sistêmico (LES), tabagismo, hipertensão arterial, história de AVCE anterior e enxaqueca com aura (LIMA *et al.*, 2017).

A presença do estrogênio sintético na circulação sanguínea também é capaz de ativar o Sistema Renina-Angiotensina-Aldosterona, retendo água e sódio, fazendo a pressão arterial elevar-se, por isso sua contra-indicação em casos de hipertensão arterial, (RIBEIRO *et al.*, 2018). Estudos revelam que mulheres cuja pressão arterial não foi aferida antes do início do uso de ACO apresentaram risco aumentado de Infarto Agudo do Miocárdio, razão pela qual, a mensuração da pressão arterial deve ser realizada antes do início do uso desse método (CORRÊA *et al.*, 2017).

Um estudo realizado na Dinamarca com 1,8 milhões de mulheres entre 15 e 49 anos, revelou que as mulheres que fazem uso dos anticoncepcionais orais contemporâneos apresentam maior risco ao câncer de mama, visto que o estrogênio promove o desenvolvimento da doença, e o risco aumenta conforme o tempo de uso (MORCH *et al.*, 2017).

A contracepção hormonal desenvolvida nos Estados Unidos, passou a ser utilizada no Brasil em 1962, constituindo atualmente um dos métodos contraceptivos mais utilizados no mundo por mulheres (PEREIRA; ANGONESI, 2013).

No Brasil, a propagação dos métodos contraceptivos, ocorreu entre as décadas de 1960 e 1970, época em que o país passava por uma “crise demográfica”. Neste cenário a maior parte da população não tinha acesso à saúde e os índices de fecundidade e mortalidade materno-infantil eram elevados. Desse modo, as pílulas anticoncepcionais foram se disseminando, por meio de entidades de planejamento familiar, consultórios médicos e balcões de farmácia, como meio de controle populacional (DIAS *et al.*, 2018).

O comércio dos contraceptivos hormonais evoluiu de forma rápida, em detrimento da Lei de Contravenções Penais, em vigor desde 1941, que impedia a propagação de produtos destinados ao aborto ou

prevenção da gravidez, em meio à soberania de ideias pró-natalistas (PEREIRA, 2016).

No início da década de 70, mediante retrocesso nos avanços econômicos do Brasil devido ao fim do milagre econômico brasileiro, surge a questão da crise demográfica e, com ela, a relação de natalidade com a pobreza e o desenvolvimento do país (BONAN; TEIXEIRA; NAKANO, 2017), culminando na instauração de uma política de controle de natalidade no país em 1984, colocando as pílulas anticoncepcionais e outros métodos contraceptivos em pauta (DIAS *et al.*, 2018).

Além da anticoncepção, a utilização de ACO está associada à redução do número de casos de gestações ectópicas, diversos tipos de câncer, cistos ovarianos, doença inflamatória pélvica, doenças mamárias benignas, miomas uterinos e regularização da menstruação. Porém, também acarretam diversos efeitos colaterais a curto prazo, como náuseas, cefaleia, mastalgia, sangramento irregular, acne, labilidade emocional e ganho de peso (FINOTTI, 2015).

Apesar desses benefícios, o uso dos ACO é contraindicado em casos de mulheres em uso de anticonvulsivantes, tabagistas, obesas, com histórico de doença cardiovascular, hipertensão arterial, trombose venosa profunda, mutações trombogênicas, LES, cefaleia, câncer de mama e outras comorbidades, em função de seus efeitos colaterais (OMS, 2010).

A contraindicação estende-se durante a amamentação devido ao risco de redução da produção do leite, especialmente durante o período de amamentação exclusiva quando considerados os ACO hormonais combinados (BRASIL, 2010).

A interação medicamentosa entre fármacos utilizados para o tratamento da hepatite C e anticoncepcionais contendo etinilestradiol pode elevar os níveis da alanina transaminase (ALT) para mais de cinco vezes o limite superior do normal (BRASIL, 2017), podendo comprometer a função hepática.

A contracepção hormonal oral é a opção de maior escolha e predominância entre as mulheres (BRASIL, 2010) no contexto da anticoncepção. Há também outros métodos não-hormonais que apresentam menor taxa de efeitos colaterais, como os de barreira, os preservativos femininos e masculinos, diafragma, espermicida, capuz cervical e esponja, cuja eficácia está diretamente relacionada ao comportamento do usuário, ou seja, à utilização correta do método (BRITTON *et al.*, 2020). Além dos métodos de barreira, a sociedade brasileira dispõe também dos intrauterinos, comportamentais/naturais e os definitivos.

Os métodos contraceptivos comportamentais ou naturais, como o *Ogino-Knaus*, também conhecido como tabela ou calendário, a curva térmica basal ou temperatura, o sintotérmico, o muco cervical e o coito interrompido, baseados nas etapas do ciclo reprodutor feminino, apresentam eficácia questionável por exigirem das mulheres o conhecimento dos sinais da fase ovulatória (BRASIL, 2010).

Dentre os métodos intrauterinos, os dispositivos intrauterinos (DIU) de cobre e hormonal são muito recomendados por possuírem taxa de falha que se assemelha à esterilização cirúrgica feminina, isto é, alta eficácia somado ao baixo número de efeitos colaterais, cuja utilização é contraindicada somente a mulheres com sangramento, dismenorreias intensas e tumores intrauterinos, de natureza benigna ou maligna (MACHADO, 2017).

Dentre os métodos contraceptivos definitivos existentes, a esterilização feminina, conhecida como laqueadura tubária realizada por meio da obstrução das tubas uterinas, e no homem a vasectomia, com a obstrução dos canais deferentes, embora eficazes, exigem uma análise de vários fatores e uma decisão muito esclarecida, em função de sua irreversibilidade (BRASIL, 2010).

Dentre a variedade de métodos contraceptivos existentes, o Sistema Único de Saúde (SUS) disponibiliza às suas usuárias, atualmente, nove métodos: anticoncepcional hormonal injetável mensal; trimestral; minipílula; pílula combinada; diafragma; contraceptivo hormonal de emergência; DIU; preservativo feminino e preservativo masculino (BRASIL, 2020).

O conhecimento das diversas opções de contraceptivos é importante para que as mulheres possam decidir, a partir do apoio de um enfermeiro ou médico que as respeitem como protagonistas, o melhor

método de acordo com suas individualidades. Se a opção for por um ACO, os fatores de risco devem ser considerados, por meio da análise de sua história clínica e por meio de profissionais qualificados, que conheçam os riscos do uso prolongado desses métodos e que sejam capazes de relacionar fatores de risco e história oferecendo, desta forma, uma assistência humanizada, qualificada e baseada em evidências.

CONCLUSÃO

A integração das referências aqui realizada permite evidenciar que o câncer de mama, a trombose venosa e a hipertensão arterial constituem os principais riscos à saúde das mulheres que fazem uso de ACO por longo tempo.

O devido conhecimento sobre a ação dos anticoncepcionais orais hormonais, incluindo modo de ação e a curto, médio e longo prazo é necessário antes da utilização por mulheres que buscam nele, a anticoncepção. Sem o devido acompanhamento com o profissional de saúde o uso pode tornar-se indiscriminado, comprometendo a saúde da usuária do método por meio dos efeitos adversos que o ACO pode proporcionar.

O aconselhamento que antecede a decisão da mulher pelo melhor método deve considerar a sua história clínica, as contraindicações e as informações de outros métodos alternativos compatíveis com sua condição de saúde, simbolizando cautela, habilidade e raciocínio clínico como atributos essenciais para uma interação entre personalizada, humanizada e, principalmente, qualificada na assistência à saúde.

REFERÊNCIAS

ANDARIEH, MG; *et al.* Risk factors for endometrial câncer: results from a hospital based case-control study. **Asian Pacific Journal of Cancer Prevention**, v.17, n.10, p.4791-96, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.22034/apjcp.2016.17.10.4791>. Acesso em 15 de mai de 2020.

BARDAWELL, SK; *et al.* Oral contraceptive and breast câncer: do benefits outweigh the risks? A case-control study from Jordan. **BMC Women's Health**, v. 19, n. 72, p. 1-7, 2019. Disponível em: <https://bmcwomenshealth.biomedcentral.com/articles/10.1186/s12905-019-0770-x>. Acesso em 15 de mai de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA). Viekira Pak: contraindicação do uso de anticoncepcionais orais combinados contendo etinilestradiol. Brasília, 2017. Disponível em: http://antigo.anvisa.gov.br/informacoes-tecnicas13?p_p_id=101_INSTANCE_WvK-Kx2fhdjM2&p_p_col_id=column-1&p_p_col_pos=1&p_p_col_count=2&_101_INSTANCE_WvK-Kx2fhdjM2_groupId=33868&_101_INSTANCE_WvKKx2fhdjM2_urlTitle=viekira-pak-contraindicacao-do-uso-de-anticoncepcionais-orais-combinados-contendo-etinilestradiol&_101_INSTANCE_WvK-Kx2fhdjM2_struts_action=%2Fasset_publisher%2Fview_content&_101_INSTANCE_WvKKx2fhdjM2_assetEntryId=3411822&_101_INSTANCE_WvKKx2fhdjM2_type=content. Acesso em 10 de abr de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria da Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. Amamentação e uso de medicamentos e outras substâncias. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. – 2. ed. – Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2010. 92 p. (Série A. Normas e Manuais Técnicos). Disponível em: <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/biblioteca/amamentacao-e-uso-de-medicamentos-e-outras-substancias/>. Acesso em 10 de abr de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Saúde sexual e saúde reprodutiva** / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de

Atenção Básica. – Brasília: Ministério da Saúde, 2010. 300 p. : il. – (Série A. Normas e Manuais Técnicos) (Cadernos de Atenção Básica, n. 26). Disponível em: http://189.28.128.100/dab/docs/publicacoes/cadernos_ab/abcd26.pdf. Acesso em 10 de abr de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção Primária à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas Coordenação-Geral de Ciclos da Vida Coordenação de Saúde dos Adolescentes e Jovens. Semana Nacional de Prevenção à Gravidez na adolescência: Nota Técnica Nº 1/2020-COSAJ/CG-CIVI/DAPES/SAPS/MS. Brasília: Editora do Ministério da Saúde, 2020. Disponível em: https://egestorab.saude.gov.br/image/?file=20200206_N_NTcampanhagravideznaadolescencia_7488128670569364322.pdf. Acesso em 10 de abr de 2020.

BEDIN, R; GASPARIN, VA; PITILIN, EB. Fatores associados às alterações cérvico-uterinas de mulheres atendidas em um município polo do oeste catarinense. **Revista Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v.9, n.1, p. 167–174, 2017. Disponível em: 10.9789/2175-5361.2017.v9i1.167-174. Acesso em 15 de mai de 2020.

BONAN, C; TEIXEIRA, LA; NAKANO, AR. Absorção e metabolização dos hormônios sexuais e sua transformação em tecnologias contraceptivas: percursos do pensamento médico no Brasil. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 22, n. 1, p. 107-16, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017221.26532016>. Acesso em 15 de mai de 2020.

BORGES, TFC; TAMAZATO, APS; FERREIRA, MSC. Terapia com Hormônios Sexuais Femininos e Fenômenos Tromboembólicos. **Revista Ciência em Saúde**, v. 5, n. 2, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.21876/rcsfmit.v5i2.334>. Acesso em 15 de mai de 2020.

BRANDT, GP; OLIVEIRA, APR; BURCI, LM. Anticoncepcionais hormonais na atualidade: um novo paradigma para o planejamento familiar. **Revista Gestão e Saúde**, v. 18, n. 1, p. 54-62, 2018. Disponível em: <https://www.herrero.com.br/files/revista/fileffb43b6252282b433e193bacf91d43f7.pdf>. Acesso em 15 de mai de 2020.

BRITTON, LE; *et al.* CE: An Evidence-Based Update on Contraception. **American Journal of Nursing**, v. 120, n. 2, p. 22-33, 2020. Disponível em: 10.1097/01.NAJ.0000654304.29632.a7. Acesso em 10 de abr de 2020.

BUSUND, M; *et al.* Progestin-Only and Combined Oral Contraceptives and Receptor-Defined Premenopausal Breast Cancer Risk: the Norwegian Women and Cancer Study. **International Journal of Cancer**, v. 142, n. 11, p. 1-21, 2018. Disponível em: 10.1002/ijc.31266. Acesso em 20 de mar de 2020.

DIAS, TM. “Estará nas pílulas anticoncepcionais a solução?” - Debate na mídia entre 1960-1970. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 3, p. 1-19, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2018v26n346020>. Acesso em 20 de mar de 2020.

CORREA, DAD; *et al.* Factors associated with the contraindicated use of oral contraceptives in Brazil. **Revista de Saúde Pública**, v. 51, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1518-8787.2017051006113>. Acesso em 15 de mai de 2020.

FINOTTI, M. **Manual de Anticoncepção**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015. Disponível em: <https://central3.to.gov.br/arquivo/494569/>. Acesso em 20 de mar de 2020.

KHALILI, H; *et al.* Association Between Long-term Oral Contraceptive Use and Risk of Crohn's Disease Complications in a Nationwide Study. **Gastroenterology**, v. 150, n. 7, p. 1561-7. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26919969/>. Acesso em 20 de mar de 2020.

KHIALANI, D; *et al.* The joint effect of genetic risk factors and different types of combined oral contraceptives on venous thrombosis risk. **British Journal of Haematology**, v. 191, n. 1, p. 90-7. Disponível em: <https://doi.org/10.1111/bjh.16666>. Acesso em 15 de mai de 2020.

KOWALSKA, K; *et al.* Influence of oral contraceptives on lipid profile and paraoxonase and commonly hepatic enzymes activities. **Journal Clinical Laboratory Analysis**, v. 32, n. e22194, 2018. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1002/jcla.22194>. Acesso em 15 de mai de 2020.

LIDEGAARD, O; *et al.* Hormonal contraception and risk of venous thromboembolism: national follow-up study. **The British Medical Journal**, v. 339, n. 7720, 2009. Disponível em: 10.1136/bmj.b2890. Acesso em 15 de mai de 2020.

LIMA, ACS; *et al.* Influence of hormonal contraceptives and the occurrence of stroke: integrative review. **Revista Brasileira Enfermagem**, v. 70, n. 3, p. 647-55, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0056>. Acesso em 10 de abr de 2020.

MACHADO, RB. Women's knowledge of health effects of oral contraceptives in five Brazilian cities. **Contraception**, v. 86, n. 6, p. 698-703, 2012. Disponível em: 10.1016/j.contraception.2012.05.016. Acesso em 20 de abr de 2020.

MACHADO, RB. **Uso de dispositivos intrauterinos (DIU) em nulíparas**. São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 13p. 2017.

MAIA, HO. Trombose venosa profunda num membro superior em mulher a fazer anticoncepcional oral e com trombofilia hereditária – Factor V Leiden. **Revista Portuguesa de Medicina Geral e Familiar**, v. 31, n. 2, p. 121-4, 2015. Disponível em: 10.32385/rpmgf.v31i2.11467. Acesso em 15 de mai de 2020.

MORAIS, LX; SANTOS, LP; CARVALHO, IFFR. Tromboembolismo Venoso Relacionado ao Uso Frequente de Anticoncepcionais Orais Combinados. **Revista Eletrônica de Ciências Humanas, Saúde e Tecnologia**, v. 8, n. 1, p. 91-125, 2019. Disponível em: <https://revista.fasem.edu.br/index.php/fasem/article/view/195>. Acesso em 10 de abr de 2020.

MORCH, LS; *et al.* Contemporary Hormonal Contraception and the Risk of Breast Cancer. **The New England Journal of Medicine**, v. 377, p. 2228-39, 2017. Disponível em: <https://www.nejm.org/doi/full/10.1056/nejmoa1700732>. Acesso em 15 de mai de 2020.

OMS. Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia. **Manual de Critérios Médicos de Elegibilidade da OMS para uso de Métodos anticoncepcionais**. São Paulo, 2010. Disponível em:

<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/173585/9789248549250-por.pdf?ua=1>. Acesso em 10 de mar de 2020.

ONU. Department of Economic and Social Affairs, Population Division. **Estimates and Projections of Family Planning Indicators 2020**. New York, 2016. Disponível em: https://www.un.org/en/development/desa/population/theme/family-planning/cp_model.asp. Acesso em 15 de mai de 2020

PARK, H; KIM, K. Associations between oral contraceptive use and risks of hypertension and prehypertension in a cross-sectional study of Korean women. **BMC Women's Health**, v. 13, n. 39, 2013. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/24144402/>. Acesso em 20 de mar de 2020.

PEREIRA, PLN. **Os discursos sobre a pílula anticoncepcional na revista Cláudia no período de 1960 a 1985**. 2016. 463p. Dissertação (Mestrado) – Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira. Fiocruz, Rio de Janeiro, 2016.

PEREIRA, PVS; ANGONESI, D. Efeitos do uso prolongado de contraceptivos orais. **Infarma - Ciências Farmacêuticas**, v. 21, n. 7/8, p. 21-28, 2013. Disponível em: <http://revistas.cff.org.br/?journal=infarma&page=article&op=view&path%5B%5D=136>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

PEYMAN, N; *et al.* Self-efficacy: does it predict the effectiveness of contraceptive use in iranian women? **La Revue de Santé de la Méditerranée**, v. 15, n. 5, p. 1254-61, 2009. Disponível em: https://www.rhsupplies.org/uploads/tx_rhscpublications/15_5_2009_1254_1262.pdf. Acesso em: 1 de maio de 2020.

PINHEIRO, HHCG; PEPE, VLE. Reações adversas a medicamentos: conhecimento e atitudes dos profissionais de saúde em um hospital-sentinela de ensino do Ceará-Brasil, 2008. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 20, n. 1, p. 57-64, 2011. Disponível em: http://scielo.iec.gov.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-49742011000100007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 15 de mai de 2020.

RIBEIRO, CCM; *et al.* Effects of different hormonal contraceptives in women's blood pressure values. **Revista Brasileira de Enfermagem**, v. 71, n. suppl 3, p. 1453-9, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0317>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

SHAABAN, YM; BADRAN, TAF. The effect of oral contraceptive pills on the macula, the retinal nerve fiber layer, the ganglion cell layer and the choroidal thickness. **BMC Ophthalmology**, vol. 19, n. 250, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12886-019-1263-2>. Acesso em: 20 de mar de 2020.

SILVA, APS; *et al.* Risk factors for breast cancer in women who use a basic health unit: descriptive study. **Online Brazilian Journal of Nursing**, v. 10, n. 1, 2011. Disponível em: <http://www.objnursing.uff.br/index.php/nursing/article/view/j.1676-4285.2011.3215.1>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

SILVA, NCS; *et al.* Interações medicamentosas com contraceptivos hormonais orais. **Única Cadernos Acadêmicos**, v. 3, n. 3, 2017. Disponível em: <http://co.unicaen.com.br:89/periodicos/index.php/UNICA/article/view/57/51>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

SOUZA, MT; SILVA, MD; CARVALHO, R. **Revisão integrativa: o que é e como fazer**. Einstein, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 102-106, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-45082010RW1134>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

SZOR, DJ; URSOLINE, M; HERMAN, P. Adenoma hepático. **Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva**, v. 26, n. 3, p. 219-22, 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-67202013000300012>. Acesso em: 10 de abr de 2020.

TARAZONA, B; *et al.* Etiology and risk factors for a first episode of cerebral ischemia in young adults. **Neurologia**, vol. 25, n. 8, p. 470-7, 2010. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/20964997/>. Acesso em: 10 de abr de 2020.

VOLPATO, LK; *et al.* Association between Hormonal Contraception and Injuries Induced by Human Papillomavirus in the Uterine Cervix. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 40, n. 4, p. 196-202, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1055/s-0038-1642603>. Acesso em: 15 de mai de 2020.

WAHIDIN, M; DJUWITA, R; ADISASMITA, A. Oral Contraceptive and Breast Cancer Risks: a Case Control Study in Six Referral Hospitals in Indonesia. **Asian Pacific Journal of Cancer Prevention**, v.19, n. 8, p. 2199-2203, 2018. Disponível em: <https://dx.doi.org/10.22034/2FAPJCP.2018.19.8.2199>. Acesso em: 15 de mai de 2020.